A HERÁLDICA DOS CORTE-REAL

As armas da histórica linhagem Corte Real são descritas como sendo em **campo de vermelho seis costas de prata saintes dos flancos do escudo e em duas palas, um chefe de prata, uma cruz de vermelho. Por timbre: um braço armado de prata e guarnecido de ouro, com uma lança em riste de prata, hasteada de ouro, com uma flâmula bifurcada de prata e carregada com a cruz do escudo (fig.1)**.

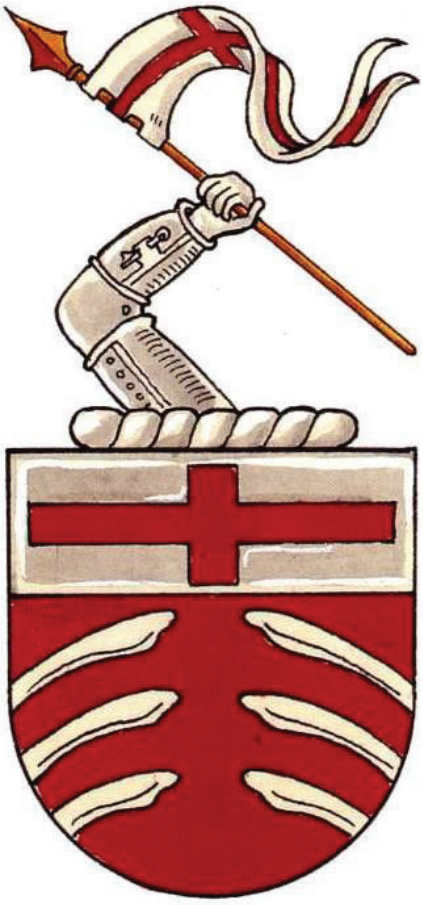

Fig. 1 Armas dos Corte-Real

Nos próximos minutos, vamos procurar explicar a origem destas armas e quando e como surgiram. Analisar a sua inclusão nos primeiros armoriais oficiais, ou seja, nas primeiras coletâneas nacionais de armas heráldicas e tentar responder a esta pergunta:

Será que as armas dos Corte-Real foram assumidas na velha tradição heráldica medieval ou foram criadas já por influência ou mercê régia?

Antes de responder a esta pertinente questão, convém situar devidamente no tempo e no espaço as origens desta linhagem. O genearca dos Corte Real, ou seja, o primeiro a usar este nome foi um Vasco Anes, de alcunha o "Corte Real", assim chamado por ter servido na corte, como criado e privado régio. Mais tarde este cavaleiro, depois de se notabilizar na tomada de Ceuta (em1415), foi Fronteiro-mor do Algarve e Alcaide-mor de Tavira. Nasceu cerca de 1390, sendo filho de um escudeiro morador em Tavira chamado Vasco Anes da Costa, este apoiante do mestre de Avis, futuro rei D. João I. As raízes estão na linhagem emergente dos Costa de Tavira, média nobreza urbana da então vila de Tavira, constituída por alguns escudeiros e cavaleiros.

As mais antigas representações das armas dos Corte Real encontram-se naturalmente nos primeiros armoriais. Na senda desta heráldica, consultámos o **Livro do Armeiro-mor**, manuscrito iluminado, datado de 1509, da autoria de um oficial régio, o Rei de Armas João do Cró (ou João du Cros, de origem francesa).

Este códice iluminado, que está na Torre do Tombo e foi encomendado pelo rei D. Manuel I, trata-se de um verdadeiro cânon da armaria heráldica. Segundo D. António Caetano de Sousa, as iluminuras são da autoria do Mestre Harriet de origem inglesa. A designação da obra, deve-se ao Armeiro-mor D. Álvaro da Costa, nomeado em 1511, em cuja família se manteve a guarda deste livro por mais de dez gerações.

Um documento heráldico importante, pois serviu de base a outros armoriais quinhentistas. Trata-se assim de um armorial oficial, resultante da iniciativa do nosso monarca, o Venturoso, que levou a cabo um trabalho de recolha e compilação da heráldica das famílias nobres portuguesas.

Disso dá notícia Damião de Goes, na sua crónica de D. Manuel, cap.86 fol. 112 e passo a citar: "Mandou ver todas as sepulturas do reino, para delas se anotarem as armas e insígnias, letreiros, que nelas havia, das quais armas mandou fazer no Paço de Sintra e pintar todos os escudos com suas cores e timbres em formosa sala que para isso mandou fazer; além do que mandou fazer um livro muito bem iluminado, em que estão pintados os mesmos escudos da linhagem da Nobreza destes Reinos".

O Livro do Armeiro-Mor é um armorial geral, porque inclui armas de todo o reino e também armas de outros reinos, e até heráldicas imaginárias. O livro tem vários capítulos: os Nove da Fama, o dos Estados da Europa, Ásia e África, o do Imperador, o da sagração do rei de França, arcebispos e bispos alemães e franceses, e a nobreza de Portugal, começando pelas armas de D. João II. Não inclui descrição das armas e ainda não são atribuídos os timbres.

Após armas lendárias e europeias, o corpo do livro trata das armas da Casa Real de Portugal e das principais famílias do reino, ao todo 287 armas portuguesas. As armas portuguesas encontram-se dispostas por ordem decrescente de importância, começando com as linhagens da velha ou

imemorial nobreza portuguesa. O livro apresenta um escudo de armas por página nas secções que apresentam as armas lendárias, estrangeiras, ou da principal nobreza do reino. Na última secção do livro são apresentados quatro escudos de armas de linhagens por página.

No fólio 73 verso deste livro, estão as armas identificadas como sendo de um "Vasco Anes Corte Real" **(fig.2)**.



Fig. 2 Armas de Vasco Anes Corte Real, no Livro do Armeiro-mor.

Um pouco antes estão pintadas as armas da linhagem Costa **(fig.3)**.



Fig. 3 Armas dos Costa, no Livro do Armeiro-mor.

Para comparação, temos aqui um exemplo de armas atribuídas a um indivíduo concreto e armas de uma linhagem antiga designada pelo seu respetivo apelido.

Outro armorial quinhentista, menos conhecido, é o **Armorial do Senhor D. Duarte** da qual **e**xiste uma cópia no fundo da Academia de Ciências de Lisboa.

Também aqui figuram as armas dos Corte Real, mas continuam identificadas como armas pessoais ou individuais, registadas mais uma vez em nome de "Vasco Anes Corte Real" **(fig.4)**.



Fig. 4 Armas de Vasco Anes Corte Real, no Armorial do Senhor D. Duarte.

Outro armorial de referência é o **"Livro da nobreza e da perfeição das armas dos reis cristãos e nobres linhagens dos reinos e senhorios de Portugal"**, feito por António Godinho escrivão da Câmara de D. João III, códice começado em tempo de D. Manuel (cerca de 1521). Contém 135 brasões iluminados e aqui já podemos ver no fólio 15, as armas agora designadas só como dos Corte Real **(fig.5)** e já com o timbre desenhado. Este códice, apresenta no mesmo fólio as armas dos Costa **(fig.5)**, também com timbre. Curiosamente, constatamos que tanto os Costa como os Corte Real apresentam o mesmo timbre, as seis costas ou costelas.

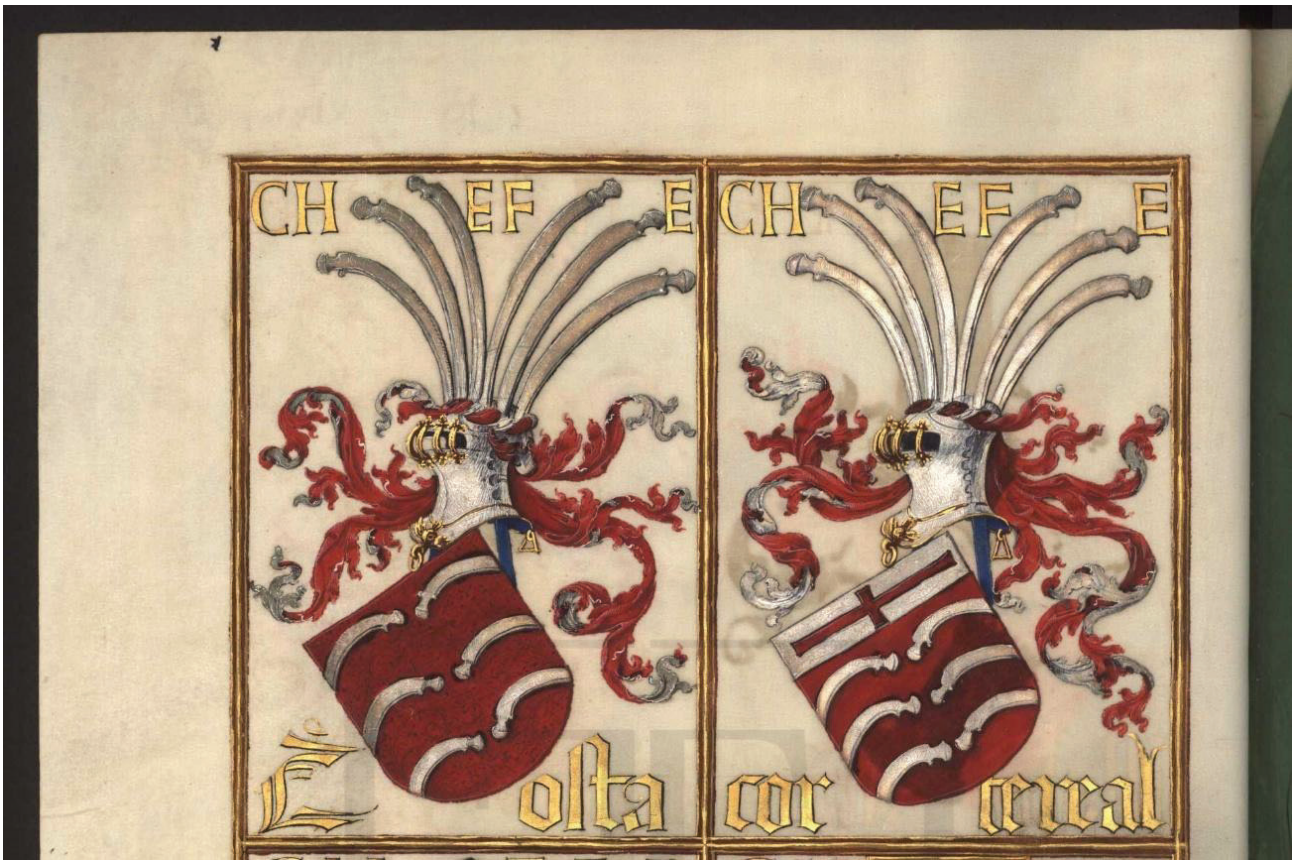

Fig. 5 Armas dos Costa e dos Corte Real, no Livro da nobreza e da perfeição das armas

O uso do timbre por ambas não é de estranhar, pois como já vimos, os Corte Real são uma nova família que deriva de um ramo da velha linhagem dos Costa.

Continuando nos armoriais desta época, o rei D. Manuel I, mandou pintar um **armorial no teto da Sala do Palácio de Sintra**, para tal escolheu as armas das 72 linhagens mais importantes do reino, um espelho da elite da sociedade portuguesa de então, uma verdadeira figuração de poder. Todas as armas representadas nesta sala encontram-se também no referido Livro do Armeiro-Mor.

Neste podemos encontrar a heráldica dos Corte Real **(fig.6)** já identificadas somente pelo apelido, mas já figuram com um timbre diferente.



Fig. 6 Armas dos Corte Real, no teto da Sala do Palácio de Sintra

O tal braço armado, com uma lança em riste, segurando uma flâmula bifurcada de prata e carregada com a cruz do chefe do escudo.

Alguns manuscritos genealógicos justificam que as armas desta família foram criadas pelo primeiro Vasco Anes Corte Real por este ser um dos 12 de Inglaterra, referindo que tinha juntado às armas dos Costa a cruz por ser este o escudo do inglês que ele venceu no desafio.

Acontece que este desafio de Inglaterra nunca existiu. Colocada de lado esta explicação de cariz lendária, não é preciso ir a Inglaterra para encontrar a dita cruz chamada de São Jorge. Este Santo **(fig.7)**, foi um soldado romano e mártir cristão mandado degolar por Diocleciano em 303, sendo o patrono do exército português.



Fig. 7 São Jorge

O culto a São Jorge em Portugal foi trazido pelos cruzados ingleses que auxiliaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa (1147). É, no entanto, durante o séc. XIV que a devoção a São Jorge se populariza entre nós, uma vez mais por influência inglesa, durante a crise de 1383-1385 e, na decisiva batalha de Aljubarrota, substituiu "Sant'Iago" como grito de batalha do exército português por “São Jorge”. D. João I viria a proclamar São Jorge como santo patrono de Portugal, condição que manteria até 1646, ano em que D. João IV coloca o nosso País sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição. Como podemos ver nos conhecidos Tapetes de Pastrana **(fig.8)**, era muito comum os cavaleiros, em contextos bélicos, ostentarem bandeiras com a cruz de São Jorge, sendo esta uma veneração protetora.



Fig. 8 Tapetes de Pastrana

Mas quem era o Vasco Anes Corte-Real que dá nome ao brasão dos Corte Real nos primeiros armoriais? É que nas primeiras gerações temos 3 com o mesmo nome. Será este o fundador? Um documento da chancelaria régia esclarece esta dúvida genealógica e resolve de uma vez por todas o mistério e as confusões em volta destas armas e dos vários homónimos.

Numa carta datada de 22 de outubro de 1542, dada por D. João III a Jerónimo Corte Real, refere que seu pai Vasco Anes Corte Real, e passo a citar **"por seus muitos e assinalados serviços ganhou o acrescentamento nas armas que trazia"**. Foi, portanto, este Vasco Anes Corte Real, o primeiro a usar a heráldica desta família, em virtude de uma modificação efetuada nas armas dos Costa, acrescentadas pelo rei com um chefe de S. Jorge. Este já era o filho do célebre navegador e povoador João Vaz Corte Real, portanto, neto paterno do fundador da linhagem, o primeiro Vasco Anes Corte Real.

Podemos agora afirmar e responder com segurança, que as armas dos Corte-Real são "armas-novas", modernas, criadas no século XV, por cunho régio, para a pessoa de Vasco Anes Corte-Real (o 3º do nome), vedor do rei D. Manoel I, Alcaide Mor de Tavira, 2º Donatário de Angra e Ilha de S. Jorge (1497). Em rigor, estas armas só deviam ser utilizadas pelos descendentes deste Vasco Anes, neto do fundador da linhagem também com o mesmo nome, daí as confusões perpetuadas pelos vários nobiliários e genealogias. Sabemos, que mais tarde, esta heráldica foi também usada/usurpada por descendentes de ramos colaterais.

Bibliografia

Fontes bibliográficas

Freire, Anselmo Braamcamp - Armaria Portuguesa, edição fac-similada, Lisboa, Cota d`Armas Editores e Livreiros, 1989.

Palmeira, Gonçalo Vidal - Vasco Eanes Corte-Real (c.1390-c.1440) O despontar de uma linhagem ao serviço da ca(u)sa de Avis, Pp.61-91, *in* Vultos Tavirenses Dignos de Memória, Edições Colibri, 2021.

Pinto, Óscar Caeiro - A linhagem Corte-Real – origens e memórias genealógicas, Pp.77-89, *in* A Principal do Reino do Algarve Tavira nos Séculos XV e XVI, Museu Municipal de Tavira, 2020.

Pinto, Óscar Caeiro. Pedras que falam: A heráldica de família no Algarve, Pp.7-40, *in* Atas do ciclo de Conferências no Inverno 2023 História do Algarve, Casa Álvaro de Campos, 2023.

Zuquete, Afonso Martins. Armorial Lusitano: Genealogia Heráldica, Lisboa, Edições Zairol.

Fontes manuscritas

Armorial do Senhor D. Duarte (Academia de Ciências de Lisboa).

Livro do Armeiro-mor (Arquivo Nacional Torre do Tombo).

Livro da nobreza e da perfeição das armas dos reis cristãos e nobres linhagens dos reinos e senhorios de Portugal (Arquivo Nacional Torre do Tombo).